

# A marca social na ponta da língua

As gírias dos jovens não são as únicas marcas do falar brasileiro. Também há sotaques próprios do Distrito Federal. E mais: a pronúncia dos moradores do Plano Piloto e localidades mais próximas (Cruzeiro, Lagos Sul e Norte) diferencia-se do falar das cidades vizinhas, como Gama e Taguatinga. Isso foi percebido em uma tese de mestrado em Linguística feita pela pesquisadora Cíntia da Costa Corrêa, da UnB. Ela comparou a pronúncia das vogais *E* e *O* no Plano Piloto com a fala de outras cidades do Distrito Federal.

Cíntia constatou que, no Plano Piloto, mesmo os filhos de pais nordestinos não costumam pronunciar essas vogais de forma aberta, como é de costume no Nordeste brasileiro (como em “estou morrendo de fome”). Em Taguatinga, por exemplo, é mais comum encontrar a pronúncia aberta.

Uma explicação possível para isso é o fato de haver, na periferia, mais pessoas que migraram do Nordeste para Brasília em tempo recente. É o que comenta a professora Rachel Dettoni, especializada em Sociolinguística. “Essas vogais abertas deixam der uma marca regional e passam a ser uma marca social, que diferencia os moradores do Plano Piloto dos que vivem na periferia, e fizemos uma pesquisa mostrando que as pessoas percebem isso, embora não saibam apontar exatamente quais seriam as diferenças”, afirma Dettoni. O vocalista do Câmbio Negro arrisca um palpite. “No Plano Piloto e no Cruzeiro, a gente ouve mais características do Rio de Janeiro”, opina X. “Nos outros locais, é mais forte a presença nordestina”, conclui ele.

Por outro lado, a influência de famílias fluminenses no Plano Piloto e Cruzeiro — graças aos servidores públicos que vieram da velha capital — não impediu que o S chiado sumisse. Maranhense criada no Rio de Janeiro e casada com um carioca, Enilde

Ronaldo de Oliveira



As professoras Raquel Dettoni e Cirlene Magalhães estão estudando a marca social nos sotaques dos brasilienses do Plano Piloto e de todas as cidades

Faulstich percebe que seus filhos não falam como os pais. “Eles não falam *poxto*, e sim, *posto*”, exemplifica.

Rachel Dettoni conclui que o resultado desse caldeirão de falas brasileiras cria uma pronúncia nova,

que mistura elementos diferentes, mas elimina os traços mais singulares de cada sotaque, como o chiado do carioca e o ritmo do gaúcho.

O processo, que cria uma linguagem específica, não é inédito. Já

ocorreu em outros locais e tempos em que povos diferentes se encontraram e tiveram de se entender para construir uma nova identidade. “É como os colonizadores portugueses de diferentes regiões de Por-

tugal que, ao chegarem ao Brasil, abandonaram gradualmente as marcas de suas terras e formaram uma língua comum na colônia”, compara Dettoni. Em Brasília, nasce a fala de um Brasil novo. (RM)